

FASCISMO ITALIANO EM TERRITÓRIO BARRIGA VERDE: SUA RECEPTIVIDADE ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS E NO INTEGRALISMO¹

ITALIAN FASCISM IN BARRIGA VERDE TERRITORY: ITS RECEPTIVITY AMONG ITALIAN IMMIGRANTS AND THE INTEGRALISM

João Henrique Zanelatto

Universidade do Extremo Sul Catarinense

Correspondência:

R. Santo Antonio, 457. Edif. Porto Brindise, apt. 204, Centro

Criciúma – Santa Catarina – Brasil. CEP: 88801-440

E-mail: jhz@unescc.net

Resumo

Logo após a Primeira Guerra Mundial, em âmbito mundial observa-se a crise das democracias liberais, e ao mesmo tempo a ascensão dos regimes totalitários. Esses regimes influenciaram na vida sócio-política brasileira e em especial em Santa Catarina. Além da criação de núcleos e organizações fascistas, influenciaram na criação da Ação Integralista Brasileira em 1932 e na forma de direção da nação durante o período em que Getúlio Vargas esteve no poder (1930-1945). Assim, o texto busca fazer uma análise de como se processavam as relações sócio-políticas do Brasil, e em especial Santa Catarina, com o fascismo italiano, a receptividade deste entre os imigrantes italianos e seus descendentes e as suas relações com a Ação Integralista Brasileira

Palavras-chave: Fascismo; Integralismo; Santa Catarina.

Abstract

Soon after the First World War, worldwide there has been the crisis of liberal democracies, while the rise of totalitarian regimes. These schemes influenced the Brazilian socio-political life and especially in Santa Catarina and the creation of cores and fascist organizations, influenced the creation of the Brazilian Integralism in 1932 and as the direction of the nation during the period when Vargas was in power (1930-1945). Thus, the text aims to make an analysis of how they processed the socio-political relations between Brazil and particularly Santa Catarina, with Italian fascism, the receptivity of this among Italian immigrants and their descendants and their relations with Brazilian Integralism.

Keywords: Fascism; Integralism; Santa Catarina.

¹ O presente escrito constitui-se de uma parte da pesquisa desenvolvido no Pós-Doutorado em História da Universidade Federal do Paraná no período de 2014-2015. Enquadra-se também num projeto mais amplo que aborda as disputas sociopolíticas na imprensa de Santa Catarina no período de 1930-1937, o projeto é financiado pelo CNPq.

Introdução

Desde que chegou ao poder, Benito Mussolini procurou transformar os italianos que se encontravam no exterior em um instrumento de uma política a fim de difundir a nova Itália exaltada como moderna, progressista e ordeira.² Inicialmente, o governo fascista, objetivando expandir suas fronteiras econômicas e culturais, buscou recuperar a antiga ideia de criar através da emigração outra Itália no exterior. Até o final da década de 1920, o regime fascista via no Brasil um terreno propício para o desenvolvimento de objetivos econômicos, culturais e também políticos.³ A década de 20 será, pois, o período mais fértil para as relações entre o Brasil e o regime fascista.⁴ Contudo, as relações ítalo-brasileiras no período ficaram restritas basicamente às questões da imigração e às atividades comerciais, ficando abaixo das pretensões fascistas. A influência política direta no período não foi implementada.

A partir da década de 30, observa-se uma mudança na política externa fascista, com o aprofundamento de sua tendência imperialista e totalitária. Essa mudança repercutirá diretamente na política e nos interesses do governo italiano no Brasil.⁵ No entanto, essa nova fase da política externa fascista entrará em choque com as mudanças ocorridas no Brasil em decorrência do movimento de 30, que elevou Getúlio Vargas ao poder. “Nacionalismos em choque, eis o resultado que atingirá as relações nos anos 30”.⁶ Portanto, é necessário elucidar em que medida o fascismo italiano repercutiu no Brasil e em Santa Catarina, sua popularidade entre os nacionais e os descendentes de italianos bem como as suas conexões com o Integralismo.

Ao abordar a repercussão do fascismo italiano e suas relações com o Integralismo buscou-se dar visibilidade para a permanência e ampliação de uma cultura política de direita em Santa Catarina no período. Deste modo, este escrito fundamentou-se na renovada história política⁷ e no conceito de cultura política.⁸ A cultura po-

² CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília, DF: Ed. UnB: São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992, p. 89.

³ BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 61.

⁴ CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália*, *Op. cit.*, p. 89. É preciso ter claro que a política externa brasileira entre 1922 e 1942 passou por diferentes fases. E mesmo “a própria política externa italiana não foi a mesma em todo o vintênio fascista”. Cf. BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 60.

⁵ BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 65.

⁶ CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália*, *Op. cit.*, p. 114.

⁷ REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2003.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Rev. Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 30, 1995.

⁸ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

lítica é aqui entendida como o “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro”.⁹

No que concerne às fontes, foram utilizadas a produção historiográfica sobre o fascismo italiano, a política fascista de emigração, as relações deste com os imigrantes no Brasil e com o Integralismo, além de jornais, imagens, decretos e um questionário enviado pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores aos delegados dos municípios catarinenses.

Sobre a ascensão do fascismo e Mussolini, destaca-se aqui os estudos de Renzo de Felice e Donald Sassoon. Felice produziu seu estudo na década de 1970, apontou para três interpretações sobre o fascismo que se cristalizaram na historiografia a partir da década de 1920 - a liberal, a radical e a marxista. Conforme o autor esta cristalização teria impedido o avanço dos estudos do fascismo em direção a novos problemas, fato que teria gerado acomodações aos adeptos das três correntes.¹⁰ Produzido neste milênio, o estudo de Sassoon constitui-se de uma excelente síntese de história política sobre a elevação do fascismo a regime político na Itália. Para o autor dois fatores combinados ajudam a explicar, a ascensão dos fascistas ao poder - os resultados insatisfatórios da primeira guerra, e as fragilidades históricas do sistema parlamentar italiano.¹¹

Destarte o escrito foi estruturado em duas partes. A primeira deu-se ênfase para receptividade do fascismo entre os imigrantes italianos e seus descendentes e as dificuldades de sua estruturação em Santa Catarina. A segunda analisou como se processou as relações entre o fascismo e o integralismo no estado e as preocupações do Estado Novo frente à simpatia ou uma suposta conspiração arquitetada por imigrantes italianos e seus descendentes, responsáveis por organizar o fascismo em Santa Catarina.

Dificuldades na estruturação do Fascismo em Santa Catarina

Antes de abordar o fascismo em território Barriga Verde faz-se uma breve contextualização sobre a política externa italiana no vintênio fascista e também a política de imigração brasileira, pois ambas passaram por mudanças. Iniciamos abordando a política do Brasil para imigração.

Com instalação do regime republicano configurou-se no cenário nacional uma nova mentalidade sobre o Brasil. As transformações que estavam ocorrendo na

⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Culturas políticas na história*, *Op. cit.*, p. 21.

¹⁰ DE FELICE, Renzo. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

¹¹ SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Agir, 2009.

Europa aportavam no Brasil, buscava-se vencer o “atraso” e acompanhar o ritmo de desenvolvimento que vinha se processando no continente europeu.

Portanto no contexto da Primeira República, a imigração europeia era positivada levando em consideração dois aspectos: a) A miscigenação enquanto branqueamento para apagar da sociedade brasileira seus traços indígenas e africanos, considerados pela intelectualidade brasileira os responsáveis pelo suposto “atraso nacional”;¹² b) A imigração europeia era positivada também tendo em vista a noção dada ao trabalho, que passava a ser visto como gerador de riquezas, dignificante e pleno de significação social. Esse discurso era contrário à escravidão e à noção de trabalho que carregava. Seria através do imigrante europeu qualificado, como laborioso que o país conseguiria superar sua condição de atraso e atingir o progresso, a modernidade e a civilização europeia.¹³

A partir do início dos anos de 1930 foram se processando mudanças na política para imigração brasileira. A ascensão de Vargas ao poder e, por conseguinte a centralização do poder e coroada em 1937 com o golpe de Estado enfraqueceu os regionalismos e deu início a uma política de nacionalização crescente atingindo a imigração europeia. O Estado intervencionista passou a atuar como o agente da construção nacional, responsável por assegurar a ordem social, regular as relações de trabalho e as relações sociais. Isso significava também que deveria controlar de forma mais acentuada o ingresso e permanência de estrangeiros no país.¹⁴

Em mensagem lida em 15 de novembro de 1933 Getúlio Vargas se referia da seguinte maneira sobre a imigração:

O Brasil continua a ser um país de imigração por força da necessidade de povoar o seu território. Precisamos de braços numerosos e adestrados, principalmente no cultivo da terra. A nossa política imigratória não podia prosseguir, entretanto, com a orientação que se lhe imprimia de longa data. A livre entrada de elementos de toda

¹² Essas reflexões podem se encontradas em: ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹³ ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma: EdiUNESC, EdIPUCRS, 2012.

¹⁴ Varias leis restritivas aos imigrantes foram criadas ao longo da Primeira República, como por exemplo, o Decreto n. 528, de 28 jun. 1890 em seu artigo primeiro estabelecia que: “É inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos a ação criminal do seu país, excetuados os indígenas da Ásia, ou da África que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de acordo com as condições que forem então estipuladas.” BRASIL. Decreto n. 528, de 28 jun. 1890. Regulariza a introdução e de imigrantes. Legislação informatizada. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 9 set. 2015. O primeiro artigo do Decreto n. 4247, de 6 de jan. 1921, o Poder Executivo poderia impedir a entrada de “ todo estrangeiro mutilado, aleijado, cego, louco, mendigo, portador de moléstia incurável ou de moléstia contagiosa grave; de toda estrangeira, que procure o país para entregar-se a prostituição; de todo estrangeiro de mais de 60 anos”. BRASIL. Decreto n. 4247, de 6 jan. 1921. Regula a entrada de estrangeiros no território nacional. Legislação Informatizada. Disponível em: [tp://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4247-6-janeiro-1921-568826-publicacaooriginal-92146-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4247-6-janeiro-1921-568826-publicacaooriginal-92146-pl.html)>. Acesso em: 9 set. 2015.

origem não respondia ao objetivo de povoar para produzir. O seletivo se impunha, sobretudo no momento em que defluíam, espontâneas e volumosas, as correntes emigratórias dos grandes centros europeus à procura do trabalho que lhes faltava e acossadas pela miséria causada pela crise econômica.¹⁵

No ano seguinte com a promulgação da Constituição de 1934 ficou estabelecido em seu artigo sexto que a entrada de imigrantes no país passaria a ter restrições no sentido de garantir a “integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos”.¹⁶ Esta preocupação com a imigração perpassou toda a década de 1930 em especial a questão étnica e ideológica. Em entrevista concedida a imprensa em 10 de novembro de 1938, Vargas destacava esta preocupação com a imigração,¹⁷ “temos de prevenir-nos contra a infiltração de elementos que possam transformar-se, fronteiras adentro, em focos de dissensões ideológicas ou raciais”.¹⁸

Em relação à política fascista de emigração nos primeiros anos da década de 1920 manteve basicamente as mesmas diretrizes dos governos anteriores. Os ideólogos fascistas viam como necessária a emigração para o equilíbrio econômico e social italiano. Além disso, foram significativos os esforços do regime na manutenção das portas abertas dos países de imigração aos italianos, pois se a emigração era um mal necessário, que não podia ser impedido, dever-se-ia extrair dela, o máximo possível de benefícios. Nesta direção o regime fascista desenvolveu “toda uma mística da emigração como expressão não da debilidade, mas sim da vitalidade da raça italiana no mundo”.¹⁹ Portanto na primeira metade dos anos de 1920 o fascismo buscou se expandir, mas de maneira pacífica, através do comércio, cultura e emigração, procurou articular a ideia de italianidade ao fascismo.²⁰ Assim,

¹⁵ VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. Ed., 1938, p. 291.

¹⁶ RODRIGUES, Julia de Souza; LOIS, Cecilia Caballero. *Uma análise da imigração (in) desejável a partir da legislação brasileira: promoção, restrição e seleção na política imigratória*. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=76c0df0665c83c59>. Acesso em: 09 set. 2015. As autoras fazem uma análise da legislação imigratória, no período compreendido entre o início do século XIX até década de 1930.

¹⁷ Antes disso já havia sido publicado o Decreto-Lei n. 406, de 4 mai. 1938, que foi o primeiro dos importantes dispositivos legais sobre a questão imigratória publicados durante o Estado Novo. BRASIL. Decreto-Lei n. 406, de 4 mai. 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Legislação Informatizada. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publica-caooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 9 set. 2015.

¹⁸ VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*, *Op. cit.*, p. 292.

¹⁹ BERTONHA, João Fábio. *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 29.

²⁰ Mesmo com esta política o governo italiano continuou seu interesse em usar o Brasil para seu excedente populacional. TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989; CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália*, *Op. cit.*

para os emigrantes se tornarem realmente símbolos e instrumentos do regime, era fundamental a retomada dos laços destes com a Pátria mãe e sua firme tutela. A originalidade do regime foi a sua identificação da italianidade com o fascismo, o que levou a suplementar a tradicional política de maiores relacionamentos e tutela dos emigrantes (já defendida pelos nacionalistas) com uma associação da Pátria italiana ao regime fascista.²¹

No final dos anos de 1920 observa-se uma mudança na política fascista para emigração, o regime passou a considerá-la negativa para a Itália, adotando medidas no sentido de dificultá-la. A oposição à emigração derivou em especial da evolução da tendência imperialista do regime.

Mesmo diante da nova política do regime fascista, o interesse pelos italianos no exterior não desapareceu, mas ao contrário, a busca para manter a italianidade pró-fascismo dos emigrantes permaneceu. Foram significativas as investidas fascistas para controlar os italianos no exterior, uma intensa rede de propaganda foi articulada para atingir este objetivo.²²

Entretanto o renovado interesse do regime fascista pelo Brasil nos anos de 1930 deu-se em um contexto no qual as relações comerciais permaneciam incipientes bem como um acentuado processo de assimilação da colônia italiana, o que revela as pretensões imperialistas de Mussolini. Naquilo que tange às relações comerciais na década de 1930, não foi criado nenhum instrumento legal no sentido de “ampará-las ou ampliá-las; ao contrário, o choque dos nacionalismos criou obstáculos que se traduziram no Brasil por inúmeras ameaças e algumas leis restritivas à penetração dos empreendimentos estrangeiros”.²³ Mesmo sendo a colônia italiana uma das maiores, isso não se refletiu nas relações comerciais entre os dois países. Entre 1934 e 1938, as importações brasileiras foram sempre decrescentes, e a Itália ocupava uma posição nada importante: o décimo primeiro lugar entre os países que importavam

²¹ BERTONHA, João Fábio. *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 29. Ver também: GENTILE, Emílio. La politica estera del partito fascista. Ideologia e organizzazione dei Fasci italiani ell'estero, 1920-1930. *Storia Contemporanea*, XXVI, 6, p. 897-956, dez. 1995.

²² Entretanto era voz corrente entre ideólogos fascistas que a batalha para a manutenção da italianidade pró-fascismo estava desde o início perdida, explicavam que os emigrantes assimilavam rapidamente os países de adoção, destacavam a limitada inserção de italianos na política nos países de adoção e sua incapacidade de atuar no sentido pró-fascista. Além disso, a hegemonia Norte Americana, a fraqueza militar italiana bem como a distância. Sobre isso ver: ALBONICO, Aldo. Immagine e destino delle comunità italiane in América Latina attraverso la stampa fascista degli ann 30. In. *Studi Emigrazione*, XIX, 65, 41-52, 1982; BERTONHA, João Fábio. *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*

²³ BERTONHA, João Fábio. *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 125.

produtos brasileiros²⁴ e o décimo terceiro entre os compradores da produção catarinense.²⁵

Mesmo que a posição da Itália nas relações econômicas estivesse longe de ser importante, observa-se que até 1938 o governo fascista procurou ampliar sua influência não só econômica, mas política e também cultural. A consolidação destes objetivos implicava “na conquista da coletividade italiana e na instrumentalização desta para seus fins”.²⁶ O governo fascista, a fim de alcançar tais objetivos, construiu uma rede que se articulou em três níveis: implantou no Brasil os organismos de socialização fascistas, “os fasci all’estero, os Dolpolavoro e as casas d’Itália; na potencialização do serviço consular e na conquista dos tradicionais foros da vida da colônia, ou seja, as escolas, as associações e os jornais”.²⁷

Conforme o governo fascista, em 1934 constavam 75 fascio organizados em todo território nacional. Em Santa Catarina, era registrada a presença de cinco fascio, sendo quatro deles estabelecidos no Sul Catarinense (Urussanga, Nova Veneza, Laguna e Meleiro).²⁸

Em Santa Catarina, na década de 1930, viviam em torno de 70 mil imigrantes italianos e seus descendentes. Registrava-se nesta época um número de 61 escolas primárias italianas espalhadas pelo estado, perdendo somente para São Paulo, que possuía 81 escolas.²⁹ Quanto a agências consulares e consulados, registra-se já em 1871 a instalação de uma agência Consular no estado, e em 1894 passaria a ter uma sede de consulado, vindo a desligar-se da jurisdição de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. No período de 1871 a 1938, atuaram em Santa Catarina aproximadamente 30 representantes do governo italiano, entre Cônsules e Agentes Consulares.³⁰ Já estavam também organizadas nesta época várias associações: a *Societa Fratellanza Italiana*, criada em 1891 no Sul Catarinense, mas com sede em Florianópolis, e que

²⁴ SEITENFUS, Ricardo A. S. As relações entre o Brasil e a Itália no período 1918-1919. In: De BONI, Luis Alberto (Org.). *A presença italiana no Brasil*. v. II. Porto Alegre/Torinto: Escola Superior de Teologia/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 109-112.

²⁵ *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*, 16 jul. 1936, p. 19

²⁶ BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 87.

²⁷ *Idem*.

²⁸ ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder*, *Op. cit.*, p. 210.

²⁹ SEITENFUS, Ricardo Antonio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1940: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL. Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, p. 105; TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989, p. 182; *La Tribuna*, Florianópolis, 1 fev. 1932.

³⁰ OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

desenvolvia atividades culturais e sociais,³¹ a *Societá San Marco*, em Nova Veneza,³² a sociedade *Regina Margherita*, em Nova Treviso (Urussanga),³³ e a *Dante Alighieri*, em Porto União, que era antifascista.³⁴ Observam-se aqui vários canais que o Fascismo poderia utilizar para atrair os imigrantes italianos e seus descendentes no estado. Os filmes também foram utilizados como instrumento de propaganda para a difusão do Fascismo, no entanto eles ficaram praticamente restritos às capitais do país. Isso não quer dizer que nas colônias italianas do interior do Brasil os filmes não tivessem chegado. Como exemplo, registra-se a exibição do filme “Viagem de Mussolini a Tripolitânia”, em Criciúma.



Figura 1. Grupo Fascista de Nova Veneza, 28/10/1929

Fonte: Zulmar Hélio Bortolotto. *História de Nova Veneza*: Prefeitura Municipal, 1992, p. 158.

³¹ BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil*: os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. da UFSC, 1999, p. 113-116; *La Tribuna*, Florianópolis, 15 de fevereiro de 1932

³² BORTOLOTTTO, Zulmar Hélio. *História de Nova Veneza*: Prefeitura Municipal, 1992, p. 111.

³³ Nova Treviso, 20 set. 1931. Carta enviada pelo presidente da “Sociedade Regina Margherita”, Dante Moretti ao Cônsul Giacomo Ungarelli.

³⁴ BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXIV, n. 2, dez. 1998, p. 251.



Figura 2. Grupo Fascista de Urussanga

Fonte: Agenor Neves Marques. *Imigração Italiana*: Edição comemorativa do centenário de Urussanga-1878-1978. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1978, p. 86.

A partir das imagens dos grupos fascistas de Nova Veneza e de Urussanga, é possível definir o perfil dos membros dos fascio no Sul Catarinense. Via de regra, o perfil dos fascistas do Sul Catarinense, ao percorrer as atividades em que estavam envolvidos os homens e as mulheres das fotografias citadas, não difere do perfil de outras regiões do país. Tomam-se aqui alguns exemplos que legitimam essa assertiva. Alfredo Bortoluzzi, que fazia parte do fascio de Nova Veneza, juntamente com seus irmãos, dominaram a indústria e o comércio, até os anos 40, em boa parte das áreas onde estavam assentados os núcleos coloniais italianos. Eram comerciantes em Nova Veneza Alessio & Bellieri e Luigi Lazarin. Carlo Gorini era médico, veio da Itália em 1910. Além de exercer a medicina, Gorini ocupou-se com a alfabetização de crianças em Nova Veneza, mandando vir da Itália cartilhas e livros,³⁵ podendo ser um indício de que tenha solicitado também a vinda de materiais de propaganda fascista. Sua esposa, Giuseppina Celè, era também médica, chegou ao Brasil em 1922, e fazia parte do fascio, sendo um indício da organização feminina em Nova Veneza.

³⁵ BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. *História de Nova Veneza*, Op. cit.; *La Tribuna*, Florianópolis, 16 mar. 1932.

Em Urussanga, Giuseppe Caruso MacDonald, advogado, por muitos anos foi Cônsul, proprietário do jornal *A Pátria*, e ao longo da Primeira República influenciou a vida política naquele município.³⁶ Antonio Remor e Giacinto Tasso eram Agentes Consulares. Este último era pai de Giocondo Tasso, que assumiu a prefeitura de Laguna em 1933, permanecendo à sua frente até 1945, quando do fim do Estado Novo. Há fortes indícios de que Giocondo Tasso tinha grande simpatia pelo fascio, pois estudou na Itália, e conheceu de perto o Fascismo. Na cidade, a oposição o atacava, chamando-o de camisa negra.³⁷ Entretanto, seu vínculo e sua opção política foram com os grupos que assumiram o poder no pós-30, Nereu Ramos e Getúlio Vargas.

Em síntese, essa análise sugere que foram as pequenas elites locais, em especial os imigrantes italianos e seus descendentes, os aderentes do fascismo.³⁸ Pode-se inferir também que a adesão ao fascismo tenha sido na perspectiva de conseguir dividendos econômicos³⁹ e políticos, pois as áreas de colonização italiana no Sul Catarinense estavam ainda muito isoladas, e o poder sócio-econômico-político estava nas mãos das elites luso-brasileiras. As elites luso-brasileiras já estavam estabelecidas na região muito antes da chegada dos imigrantes italianos,⁴⁰ exerciam o domínio sociopolítico nas principais cidades da região no período – Laguna, Tubarão e Araranguá.⁴¹

Enquanto o Nazismo era simpático e influenciou muito mais as populações de imigrantes alemães e seus descendentes no Vale do Itajaí e Norte do estado, no Sul Catarinense foi o fascismo que influenciou as populações dos núcleos coloniais italianos e também os luso-brasileiros, pois era na imprensa voltada para os lusos que Mussolini e a Itália fascista eram exaltados.

A imprensa foi também um dos canais por onde o Fascismo italiano conseguiu atrair e obter a simpatia de vários setores da sociedade catarinense, em especial os imigrantes italianos e seus descendentes. Em 1932, era criado o semanário *La*

³⁶ OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades*, *Op. cit.*

³⁷ BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Tese (Doutorado em História) – UFRGS. Porto Alegre, 2002.

³⁸ OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades*, *Op. cit.*, p. 238.

³⁹ GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994. A autora demonstra como na região colonial italiana o fascismo foi tomado como um instrumento pela burguesia para melhorar suas condições de produção e para tornar-se a classe dirigente da região.

⁴⁰ A imigração italiana para o Sul Catarinense teve início a partir de 1876.

⁴¹ As elites luso-brasileiras exerceram o domínio sociopolítico quase incontestemente no Sul catarinense até o final dos anos de 1920. Ao longo da década de 1920, e em especial na década de 1930, os imigrantes europeus e seus descendentes começaram a ocupar e disputar os espaços de poder com as elites luso-brasileiras. Destaca-se ainda que na década de 1930 o Sul Catarinense era formado por oito municípios: Laguna, Tubarão, Araranguá, Imaruí, Jaguaruna, Urussanga, Orleans e Criciúma. Os três últimos criados nas primeiras décadas do século XX – 1900, 1913 e 1925 – e ocupados por população majoritariamente constituída por imigrantes europeus e seus descendentes. Sobre isso ver: ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder*, *Op. cit.*

Tribuna, voltado para toda a colônia italiana do estado, órgão independente publicado em Florianópolis sob a direção de Arnaldo Suarez Cúneo e redação do jornalista italiano Biaggio D’Alascio, que há 16 meses estava vivendo na capital e mantinha uma boa relação com a colônia italiana e a sociedade de Florianópolis. O jornalista italiano “está animado por ‘una sincera e calda affermazione fascistica’ – uma sincera e afetuosa convicção fascista”,⁴² que era expressa nas imagens e textos publicados nos números do semanário. Assim, além de exaltar a obra da imigração italiana no estado, a glória de Giuseppe e Anita, heróis de dois mundos, o jornal exaltava a Nova Itália e Mussolini.

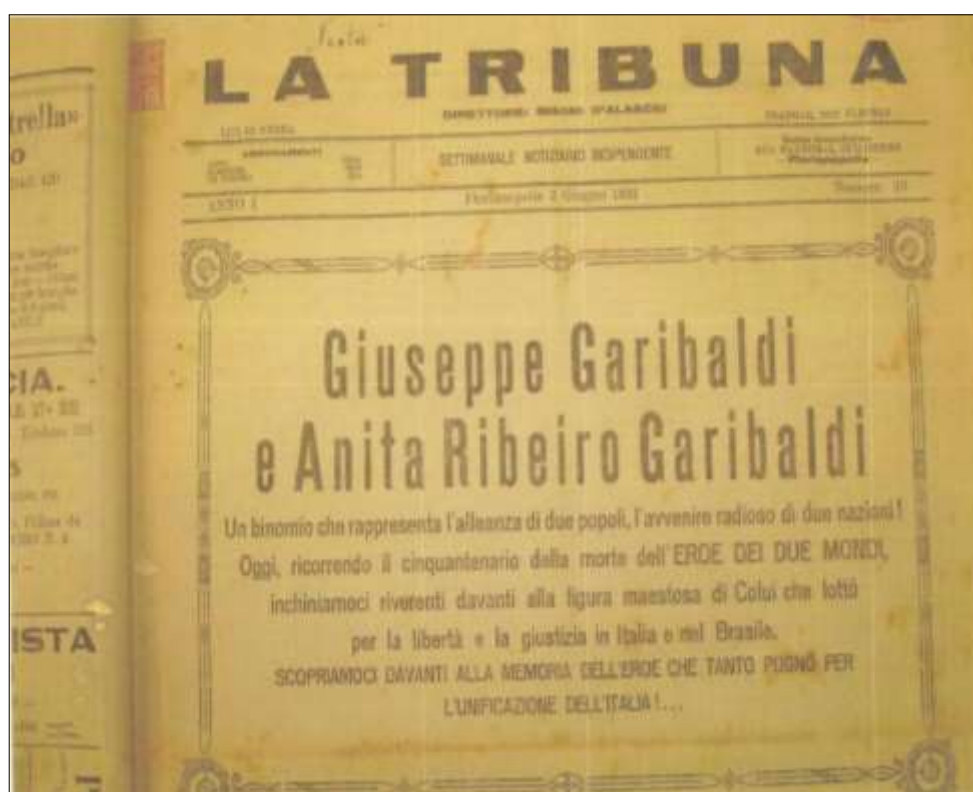


Figura 3. *La Tribuna* exaltava Giuseppe e Anita em suas páginas

Fonte: *La Tribuna*, Florianópolis, 2 jun. 1932, ano I, n. 10.

Observando a chamada do texto acima, pode-se inferir que o articulista do jornal, ao exaltar Garibaldi e Anita, tinha a intenção de estabelecer um forte vínculo entre os dois países. Parece buscar em um passado glorioso “Il cinquantenario della morte dell’EROE DEI DUE MONDI”, uma afirmação positivada para as relações e ações presentes.⁴³ Com o texto intitulado “Mussolini”, o jornal exaltava o dirigente fascista comparando este a Napoleão e a César.

⁴² *Diário Catarinense*, 25 set. 1998, p. 12.

⁴³ A utilização da história como legitimadora de ações e também como coesão grupal pode ser encontrada em: HOBBSAWM, Eric; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Tanto o Fascismo quanto o Nazismo buscaram legitimar suas ações em tradições do passado.

Esistono nomini che destano l' ammirazione nel mundo. I loro nimi sono bandiere. Napoleone e Cesare vovono in me, vivono nella mia ammirazione. Li venero quase. Li ho conoseiuti sin daí dodici anni. Li ho nella rentina: Inestinguibile fulgenti, apoteotici, apopecici. Sono i riflessi della'anima. É la você Del cuore. Ereggo altari agli eroi. La luci votiva é eterna: ilumina sempre. Oggi, Mussolini! Si, Mussolini! É l'Italia épica la cui grandeza attrae, meravigliosa, risorta della própria gloria, Mussolini é l'uomo seculo! L'uomo pátria! In torno al suo nome vigilano gl'incensatori e i corifei dell' invidia. É l'incenso e il veneno. Mussolini lavora, edifica. La sua vita prescinde de lusinghe. Il fango non lo sporca, non attinge, riname nelle scarpe. HOMO NON SIBI SOLI NATUS, SED PATRIAE. Così, il grande italiano. Egli vive per la sua Pátria. Si sacrifica, com rischio della própria vita. E se sarebbe necessário, la affrirebbe in olocausto per la libertá dell'Italia. Mussolini-Italia! Italia-Mussolini! Io ammiro il piú grande dei riformatori, guardando incantato, attraverso lo splendore della sua opera, l'orgoglio della terra e del popolo italiano. Come brasiliano, che amo patriotticamente il Brasile, esclamo salutando il grande latino: Ave, Mussolini! ⁴⁴

O texto era a mais pura exaltação do dirigente fascista, criador da Nova Itália. Mussolini era o herói, o homem do século, o grande italiano, que trabalha e edifica, vive pela sua pátria, se sacrifica por ela, dando a própria vida para libertá-la. Mussolini era a Itália, a Itália era Mussolini, exclamará o articulista do jornal. O texto era assinado por José Diniz, membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que, ao finalizar o artigo, saudava Mussolini afirmando sua brasilidade e seu amor à pátria, mas parecia desejar que o Brasil tivesse um dirigente como o líder fascista.

Além de *La Tribuna*, semanário destinado especialmente para os imigrantes italianos e seus descendentes, a simpatia e influência do Fascismo apareciam estampadas nos jornais da capital e no Sul Catarinense. Destacam-se então alguns exemplos desta simpatia. Na capital, nas páginas de *O Estado*, Mussolini e a Nova Itália eram exaltados constantemente, a partir de 1934. Em outubro de 1934, praticamente toda edição do jornal foi dedicada a Mussolini e à Nova Itália, foram textos aprofundados com fotografias amplas.⁴⁵ Em 1935, semanalmente eram publicados textos remetendo ao Fascismo. Além da guerra na África contra a Etiópia, que a Itália venceria rapidamente,⁴⁶ exaltava com textos e imagens as viagens de Mussolini e seus

⁴⁴ *La Tribuna*, Florianópolis, 1 fev. 1932, ano I, n. 1, p. 2

⁴⁵ *O Estado*, Florianópolis, 28 out. 1934

⁴⁶ *O Estado*, Florianópolis, 14 fev. 1935.

discursos inflamados para a multidão⁴⁷ bem como os tratados de comércio italo-brasileiro.⁴⁸ Já em 1936, Mussolini era reverenciado como o homem do momento, comparado a Napoleão, tendo lugar assegurado “na galeria dos vultos da humanidade”.⁴⁹

No Sul Catarinense a simpatia ao Fascismo era encontrada na imprensa de vários municípios da região desde 1926. Nos jornais *O Mineiro*, de Criciúma, *O Correio*, de Orleans, *Correio do Sul*, de Laguna, eram publicadas notas, artigos e imagens reverenciando a Itália fascista e o *duce*. No artigo intitulado “O Estado fascista”, por exemplo, o Fascismo era apresentado como um movimento revolucionário, e teciam-se críticas às interpretações que viam o movimento como uma simples revolta contra o comunismo e as deficiências da liberal-democracia. “A revolução fascista marca realmente um grande período histórico. O Fascismo tratou com plena liberdade de espírito de rever tudo quanto de velho e atrasado existe na constituição do Estado italiano”.⁵⁰ E, referindo-se ao seu dirigente, o artigo prosseguia: “Mussolini é o exemplar típico representativo de uma nova geração italiana a qual, superada a grande provação da guerra, pretende elevar ao justo nível de grande nação moderna a Pátria comum”.⁵¹

No jornal *O Correio*, eram frequentes as notas exaltando os progressos da economia italiana.⁵² Seguindo nesta mesma linha de exaltação ao progresso econômico da Itália fascista, o jornal *Correio do Sul* trazia uma nota intitulada “A Itália Guiará o Mundo”, onde relatava o discurso de Mussolini quando inaugurava uma autoestrada Milão-Turim: “o século XX será o século do poderio italiano, será o século em que, pela terceira vez, a Itália se tornará à diretora da civilização humana”.⁵³

Todos esses jornais aqui destacados, com exceção do *La Tribuna*, editado em italiano, eram editados em língua portuguesa, e, portanto, destinados para à população de leitores luso-brasileiras, o que sugere a grande simpatia do Fascismo entre os lusos.⁵⁴ Vê-se até aqui que, basicamente, a única instituição nova criada pelo fascismo para a sua difusão e que atuou no Estado foi o fascio.⁵⁵ Todas as outras instituições, bem ou mal, já existiam nos núcleos coloniais (escolas, associações, jornais,

⁴⁷ *O Estado*, Florianópolis, 7 fev. 1935.

⁴⁸ *O Estado*, Florianópolis, 30 jan. 1935.

⁴⁹ *O Estado*, Florianópolis, 4 mar. 1936.

⁵⁰ *O Mineiro*, Criciúma, 30 set. 1926.

⁵¹ *O Mineiro*, Criciúma, 30 set. 1926.

⁵² *O Correio*, Orleans, 24 abr. 1930.

⁵³ *Correio do Sul*, Laguna, 13 nov. 1932.

⁵⁴ Para FALCÃO. Luiz Felipe. A Guerra Interna (Integralismo, nazismo e nacionalização). In: BRANCHER, Ana. (Org.). *História de Santa Catarina: Estudos Contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 182: “... a exaltação da Alemanha nazista e da Itália fascista era quase unânime na imprensa catarinense dos anos trinta, independentemente de sua filiação partidária, da sua área de circulação ou mesmo da língua em que estava sendo redigida”.

⁵⁵ Não se observou uma atividade do Dopolavoro (esse tinha como objetivo impedir a assimilação dos italianos à sociedade brasileira. Centrava suas atividades na assistência social, na difusão do esporte

cônsules e agentes consulares), e muito antes do surgimento do fascismo procuravam preservar a italianidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes. Assim, quando o fascismo chegou ao poder, todas essas instituições foram utilizadas para a sua propaganda e difusão. A italianidade passava então a ser identificada como o fascismo.

Para finalizar essa breve análise do processo de organização dos fascio em Santa Catarina, busca-se rapidamente, a partir de alguns exemplos, apontar para as tensões e dificuldades da penetração do fascismo no estado. Em primeiro lugar, evoca-se a tensão entre os fascistas de Nova Veneza⁵⁶ com Cesare Tibaldeschi. Tibaldeschi veio para o Brasil em 1924, por intermédio de uma instituição italiana “Itálica Gens”, cujo objetivo era organizar o ensino da língua italiana nos núcleos coloniais do estado. Em Nova Veneza, fixou residência em dois períodos distintos: de 1925 a 1927 e de 1929 a 1931. Dentre as atividades que realizou em Nova Veneza, destacam-se o ensino da língua italiana, a participação na sociedade *San Marco* e a organização do grupo de escoteiros.⁵⁷

A tensão ocorreu quando o Agente Consular Antonio Remor propôs a Tibaldeschi que transformasse os escoteiros em balilas, pois pretendia inculcar nos jovens o sentimento fascista,⁵⁸ trabalho que, segundo tudo leva a crer, já vinha sendo realizado na escola, pelos fascistas Carlo Gorini e Giovanni Telatin, que ensinavam na escola em Nova Veneza. A organização dos balilas era um esforço do fascismo que pretendia alcançar a nova geração de ítalo-brasileiros.⁵⁹ Tibaldeschi se opôs à transformação dos escoteiros em balilas, argumentando que não era de sua competência, e a partir desta negativa passou a ser acusado de antiitaliano e antifascista. Além destas acusações, o professor Giovanni Talatin divulgava notícias terroristas acusando Tibaldeschi e o padre Miguel Giacca que pretendiam explodir bombas na sede do consulado italiano na capital.⁶⁰

Tibaldeschi apresentou um conjunto de testemunhas procurando atestar sua inocência: imigrantes, autoridades consulares das regiões por onde passou.⁶¹ Procurou provar que não era antifascista, mas em nenhum momento afirmou ser fascista. No entanto, há vários indícios que sugerem uma tensão entre as elites locais vincu-

e da cultura). O mesmo ocorreu com “As Casas d’Itália” que tinham como função abrigar e agrupar todas as associações italianas.

⁵⁶ Núcleo colonial de imigrantes italianos e seus descendentes pertencentes ao município de Criciúma.

⁵⁷ BORTOLOTTTO, Zulmar Hélio. *História de Nova Veneza, Op. cit.*, p. 111.

⁵⁸ OTTO, Claricia. *Catolicidades e Italianidades, Op. cit.*, p. 239.

⁵⁹ Conforme MARQUES, Agenor Neves. *Imigração Italiana, Op. cit.*, p. 152, a sede do fascio de Urussanga era um espaçoso salão que estava sempre embandeirado, e ali “eram doutrinados os pequenos garbosos balilas. À noite ali se reuniam para ensaiar e aprender as belas canções marciais. Em pouco tempo todos sabiam cantar ‘La Giovinezza’”.

⁶⁰ MARQUES, Agenor Neves. *Imigração Italiana, Op. cit.*, p. 240-241.

⁶¹ BORTOLOTTTO, Zulmar Hélio. *História de Nova Veneza, Op. cit.*, p.110.

ladas ao fascismo e Tibaldeschi, pois, além de não transformar os escoteiros em ba-lilas, como professor é bem possível que ensinasse a língua italiana, a história e a geografia da Itália, sem, no entanto, exaltar Mussolini e o fascismo.⁶² Isso lhe rendeu um longo processo na Itália, e ele definitivamente não pôde mais voltar para o Bra-sil.⁶³

Outra tensão ocorreu em julho de 1932, quando o vice-cônsul, Giacomo Un-garelli, mandou fechar as portas da sede do movimento fascista em Florianópolis. O jornalista Biaggio D'Alascio protestou com um artigo publicado em *La Tribuna*,⁶⁴ provocando a ira da autoridade italiana que se volta contra o jornal, tentando impedir a publicação do semanário, justificando “que a colônia já dispõe de uma página no jornal italiano de Curitiba”. O cônsul tomou várias medidas, que foram desde a pres-são sobre os anunciantes, a maioria deles de origem italiana, pressão sobre o diretor do semanário, Arnaldo Suarez Cuneo, que retirou o nome do cabeçalho do jornal, e ainda solicitou à polícia a suspensão da publicação do jornal. Assim, *La Tribuna*, que pretendia ser um órgão de difusão do fascismo entre os imigrantes italianos e seus descendentes, teve suas portas fechadas em setembro de 1932.⁶⁵

Por último, evoca-se a análise do vice-cônsul em Santa Catarina, Guido Zec-chin, reveladora da dificuldade dos fascio, não só no estado, mas em todo o Brasil.

Na prática, esses fasci não existiam. Foram fundados por pessoas animadas por elogiáveis sentimentos de italianidade e por ótimas intenções. Conseguiram facilmente um número notável de inscri-ções. Mas nunca funcionaram. Os compatriotas nunca compreen-deram que funções o Fascio deveria ter. Se se tratava – era, em par-ticular, o caso dos velhos – de se reunir para afirmar seus sentimen-tos de italianidade, muitos estavam prontos para fazê-lo. Mas, e de-pois? O que podia o fascio fazer, além dessa manifestação de caráter exclusivamente platônico?⁶⁶

Por que o vice-cônsul Guido Zecchin fazia essa análise do fascio de Santa Catarina? Em seu relatório, Zecchin aponta para outras informações: praticamente todos os colonos italianos viviam na zona rural, em pequenas propriedades, com pouca instrução e cultura. “A segunda geração já se sentia brasileira, mas com algum sentimento filo-italiano, enquanto a terceira geração só se identificava com o Bra-sil”.⁶⁷ Ressaltava a extrema dificuldade para difundir o fascismo entre os colonos, pois não havia uma classe dirigente de italianos com vínculos com a Itália para apoiar

⁶² OTTO, Claricia. *Catolicidades e Italianidades*, *Op. cit.*, p. 243.

⁶³ Em 1931, Cesare Tibaldeschi viajou para Itália a fim de contrair matrimônio e ao retornar teve seu passaporte apreendido.

⁶⁴ *La Tribuna*, Florianópolis, 30 jul. 1932

⁶⁵ *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 set. 1998

⁶⁶ TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*, *Op. cit.*, p. 313.

⁶⁷ BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra, *Op. cit.*, p. 252.

o movimento. Fazia alusão ao Integralismo, observando que muitos filhos e netos de italianos abraçaram este partido, sendo um indicativo de que se a propaganda fascista não atraiu um grande número de adeptos, gerou certa simpatia pelo mesmo, “e que parece ter tido algum papel na boa imagem do Integralismo entre os filhos e netos dos colonos italianos”.⁶⁸ Observa-se aqui a preocupação do Consul com a popularidade do Integralismo entre os descendentes de imigrantes italianos.

Tensões conexões nas relações entre Integralismo e o fascismo e as preocupações do Estado Novo

Criada em São Paulo em 1932 por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira expandiu-se rapidamente para várias regiões do Brasil.⁶⁹ Em Santa Catarina, o Integralismo começou a ser organizado a partir de 1934, seu crescimento ocorreu rapidamente, em especial nas zonas de colonização alemã e italiana no Vale do Itajaí, Norte do estado e no Sul Catarinense, tornando-se uma das principais alternativas de oposição frente aos grupos políticos que estavam no poder do estado.⁷⁰ Santa Catarina, “apesar de se tratar de um Estado relativamente pequeno, no qual viviam apenas um milhão dos quarenta milhões de habitantes do Brasil, havia nele, segundo estatísticas integralistas, o terceiro maior contingente de filiados à AIB, só perdendo para São Paulo e Bahia”.⁷¹

Naquilo que tange às relações entre o integralismo e o fascismo, foram bem mais fortes que as divergências. Entre 1935 e 10 de novembro de 1937, quando do golpe de Getúlio Vargas e a implantação do Estado Novo, pode-se dizer que as relações entre o Integralismo e o Fascismo foram bastante profícuas, em especial os contatos estabelecidos por Plínio Salgado com a diplomacia italiana, o governo da Itália,

⁶⁸ BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra, *Op. cit.*, p. 252.

⁶⁹ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre: UFRGS, 1974; CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978; CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra/CEDEC, 1978; VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979. São diferentes abordagens produzidas por sociólogos (Trindade), filósofos (Vasconcelos e Chauí) e historiador (Chasin). Como se pode observar, todas essas obras foram produzidas na década de 1970, e também abordaram de algum modo as relações do integralismo com os fascismos.

⁷⁰ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Editora da Univalli, 2000; ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder*, *Op. cit.* Os estudos desses autores constituem as análises mais consistentes sobre a organização do integralismo em âmbito regional, especialmente em Santa Catarina. Os demais estudos constituem-se de artigos, monografias de especialização e de graduação, e alguns fragmentos em livros, que não tratam do tema.

⁷¹ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*, *Op. cit.*, p. 172.

a partir de seu crescente interesse pela AIB, “inaugura uma diplomacia paralela no Brasil”.⁷²

Que se observa ao analisar a historiografia é que mesmo simpáticos ao Fascismo, os descendentes de italianos eram fiéis ao Brasil. Assim, o Integralismo passou a ser visto pelas autoridades italianas como um instrumento para aumentar sua influência no Brasil. Nos vários estudos sobre as relações entre o Integralismo e o Fascismo, são apresentados relatórios, telegramas, memorandos, de embaixadores (Roberto Cantalupo e Vincenzo Lojacomio), do encarregado dos negócios no Rio de Janeiro (Menzinger), do representante oficial do Fascismo no Brasil (Amadore di Giacomo) e do emissário especial do regime fascista que veio ao Brasil fazer investigações sobre o Integralismo (Pier Felippo Gomes).

Era desejo do governo italiano uma aliança entre a AIB e Vargas, pois acreditava-se que desta forma se implementaria o Fascismo no Brasil. Via-se com bons olhos a adesão da coletividade italiana ao Integralismo, como uma forma de conter a influência nazista no movimento, e ao mesmo tempo inserir os descendentes de italianos na vida política brasileira num sentido pró-fascismo.

É verdade que, algum tempo, surgiu um novo partido, diferente dos outros, de caráter nacional e orientado na direção das idéias fascistas: o integralismo, partido ao qual aderiram muitos filhos de italianos. Se abrem, portanto, novas perspectivas para a atividade política das massas ítalo-brasileiras, que poderiam encontrar no Integralismo o terreno propício para colaborar na formação de um novo Brasil.⁷³

O relatório do embaixador Vincenzo Lojacomio elucida o interesse do governo italiano em constituir um Estado Integralista no Brasil.

Romper o fronte democrático no maior país da América do Sul, criar um ambiente que seja favorável, por razões de analogia, ao nosso regime, cultivar uma opinião nacional brasileira aberta às premissas e às necessidades da Itália, abrir uma fonte de consenso moral e de recursos materiais naquela parte do mundo que estará à menor distância do nosso eixo imperial e do nosso aparato respiratório, eis o que significa o estabelecimento de um Estado integralista no Brasil.⁷⁴

Desde 1934, o embaixador Roberto Cantalupo autorizou aos fasci estabelecerem contatos cordiais com os integralistas, sem, no entanto, participarem de reuniões

⁷² SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos*, Op. cit., p. 113.

⁷³ BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 21, n. 40, 2001, p. 80.

⁷⁴ CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália*, Op. cit., p. 145.

e comícios. Essas relações com o fascismo foram mantidas em especial por Plínio Salgado, que já em 1932 participou ocupando lugar de destaque na cerimônia “saudação de Roma” promovida pelo consulado italiano. Outro exemplo que pode ser destacado foi no desfile realizado na Avenida Paulista, em julho de 1937, quando Salgado passou em revista os milicianos da sacada da casa de Ângelo Poci, diretor do jornal fascista de São Paulo, *Fanfulla*.⁷⁵ Ainda nesse ano, a embaixada italiana concederia mensalmente uma ajuda de cinquenta mil liras para o Integralismo,⁷⁶ e em agosto de 1937 era concedida uma subvenção especial de 579 contos.⁷⁷

Feita essa breve consideração das relações entre o fascismo e o Integralismo em âmbito nacional, evocam-se, a partir de agora, essas relações em âmbito regional. Como se processaram as relações entre o fascismo e o Integralismo em Santa Catarina? A escassez de evidências dificulta uma análise mais apurada sobre essas relações. Mas, a partir dos indícios encontrados, é possível fazer algumas considerações.

A receptividade dos italianos à propaganda fascista foi muito variável em sua intensidade, oscilando de acordo com critérios geracionais, sociais, regionais, dentre outros. A popularidade do regime fascista e sua ideologia ocorreram em maior número entre os italianos natos das elites e classes médias, em especial no estado de São Paulo. Já os filhos e netos de imigrantes, mesmo manifestando certa simpatia pelo regime, não aderiram aos fascio.⁷⁸

Um dos fatores que dificultou uma maior aproximação entre o fascismo e o Integralismo em Santa Catarina pode estar vinculado ao próprio enfraquecimento do fascio, quando do surgimento da AIB no estado, em 1934. Os canais de difusão do fascismo haviam sido extintos ou estavam bastante enfraquecidos. Destacam-se alguns exemplos que podem sustentar essa assertiva. Já em 1926, Santa Catarina passava a ter somente vice-consulado, ficando a partir desta época sob a jurisdição do Consulado Geral de Curitiba, no Paraná.⁷⁹ Em 1932, o vice-cônsul, Giacomo Ungarelli, mandava fechar as portas do fascio de Florianópolis, e ainda neste mesmo ano fez fortíssima pressão para o fechamento do semanário *La Tribuna* (fato que viria a ocorrer no mês de setembro), órgão que fazia a propaganda da Itália fascista nas colônias italianas do estado.⁸⁰

Em tais condições e devido à organização e à rápida inserção do Integralismo entre os descendentes de imigrantes italianos, o vice-cônsul em Florianópolis, Guido

⁷⁵ BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 40.

⁷⁶ CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália*, *Op. cit.*, p. 148. Essa não era a quantia solicitada pela AIB (cinco milhões de lira). A embaixada italiana tinha a preocupação com essa diplomacia paralela, que poderia levar a uma ruptura com o Brasil oficial, e por isso negou também o fornecimento de armas.

⁷⁷ SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos*, *Op. cit.*, p. 122.

⁷⁸ BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 99.

⁷⁹ OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades*, *Op. cit.*, p. 97.

⁸⁰ *La Tribuna*, Florianópolis, 30 jul. 1935, ano I, n. 14.

Zechin, relatava esse fato com certa preocupação. “Um novo inimigo da existência dos fasci é o Integralismo, que embora descendendo mais ou menos legitimamente do Fascismo, faz continuamente prosélitos entre os nossos compatriotas e, infelizmente, rouba nossos melhores elementos”.⁸¹ As preocupações de Zechin revelaram-se excessivas, tendo em vista que o Integralismo foi recebido em especial no Sul Catarinense pelos descendentes de imigrantes, ou seja, os filhos e netos desses imigrantes, a sua ampla maioria vivia em pequenas propriedades agrícolas em núcleos coloniais relativamente isolados.

Já o fascismo foi recebido em sua maioria por italianos natos que faziam parte da pequena elite local. Isso não significa dizer, obviamente, que não houvesse ítalo-brasileiros nas atividades do fascismo na região.⁸² De fato, havia vários ítalo-brasileiros nas hostes dos fascio no Sul Catarinense, Alfredo Bortoluzzi, por exemplo, pertencente a uma elite de comerciantes italianos, fazia parte do fascio de Nova Veneza.

De qualquer maneira, quando o Integralismo começou a ser organizado no estado, a partir de 1934, o fascismo em Santa Catarina já vivenciava um progressivo enfraquecimento. Toda a organização do fascismo no estado foi articulada antes da década de 1930, indo no máximo até 1932. Mesmo que as atividades fascistas tenham sido intensificadas no pós-30, e a partir de 1935 em âmbito nacional tenha ocorrido uma maior proximidade do fascismo com o Integralismo, esses acontecimentos parecem não ter tido ressonância em Santa Catarina. Não se encontrou nenhuma evidência de uma possível aproximação entre fascistas e integralistas. Santa Catarina, por não ter uma estrutura significativa em termos de indústria e comércio controlada por italianos e descendentes, e por viverem em sua maioria na zona rural, em núcleos coloniais relativamente isolados, como pequenos proprietários, com pouca instrução, ficou à margem dos interesses do regime fascista, que centrou seus interesses e sua propaganda nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e até no Rio Grande do Sul.⁸³

Mesmo que Santa Catarina tenha ficado à margem dos interesses do regime fascista e que as relações entre o integralismo e o fascismo não tenham sido profícuas, elas não conseguiram escapar da vigilância do Estado Novo. Assim, em 18 de dezembro de 1942, o Diretor da Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores do Rio de Janeiro, Augusto César Lobo, encaminhava uma

⁸⁰ TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*, *Op. cit.*, p. 393.

⁸² Sobre a diferença geracional na adesão ao fascismo ver: BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 194-202.

⁸³ BERTONHA, João Fábio. O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil, *Op. cit.* Neste estudo em especial no capítulo 4, o autor ao analisar a receptividade do Fascismo entre os empresários, as classes médias e operariado de origem italiana em São Paulo, demonstra que entre os dois primeiros estavam o maior número de aderentes. Destaca vários empresários como, por exemplo, que, os Condes Rodolfo Crespi e Francesco Matarazzo desde a década de 1920 estavam ligados ao Fascismo, faziam doações a diversas associações italianas. Quanto “os operários se recusaram a se incorporar em massa nos organismos fascistas como fizeram os empresários e os membros das classes médias italianas, restando entre eles apenas um sentimento pró-fascista ‘difuso’ e genérico e que não se convertia em alinhamento político” (p. 188).

circular para todos os delegados de 40 municípios de Santa Catarina solicitando o preenchimento de um questionário com 79 questões.⁸⁴ O questionário tinha como preocupação central obter informações sobre as atividades sócio-econômico-político-culturais dos imigrantes europeus e seus descendentes, em todo o estado.

O questionário pautou-se por abordar aspectos relativos à nacionalidade dos imigrantes, à educação e às sociedades criadas, a suas atividades econômicas, a suas atividades políticas, se os imigrantes possuíam armas, e, por último, o efetivo policial e militar de cada município. Para uma análise um pouco mais detalhada, evocam-se aqui as principais questões enunciadas no questionário. Em relação à nacionalidade dos imigrantes: “Nos 10 últimos anos tem-se verificado a entrada, no município, de imigrantes estrangeiros? Há, no município, colônias ou núcleos estrangeiros? Qual o número de estrangeiros residentes na sede do município?”⁸⁵ Era ainda preciso especificar a nacionalidade dos estrangeiros. Quanto à educação e às associações, era solicitado que fossem respondidas as seguintes questões:

Quais as sociedades civis, recreativas, culturais, beneficentes, etc., fechadas em consequência do rompimento de relações com a Alemanha, Itália e Japão? Há sociedades civis de súditos desses países funcionando? Quais? Há sociedades cooperativas de estrangeiros? Possuem os estrangeiros, escolas particulares para a educação de seus filhos? Quantas? (por nacionalidade). Indicar, por nacionalidade, quantos filhos de estrangeiros freqüentam as escolas públicas ou grupos escolares? Há famílias estrangeiras cujos filhos não freqüentam escolas? De que nacionalidades?⁸⁶

Em relação às questões políticas, o questionário pretendia identificar se nos municípios onde viviam os imigrantes europeus e seus descendentes se “manifestam ou manifestavam antes do rompimento de relações com a Alemanha, Itália, e Japão, simpatia pelas doutrinas políticas vigorantes nesses países, ou entusiasmo por seus feitos de guerra”.⁸⁷ Inquiria sobre a existência, nos municípios, de estrangeiros suspeitos de atividades contrárias ao regime político nacional, e se havia antigos integralistas que se mantinham fiéis às doutrinas do Sigma. O questionário era também dirigido aos brasileiros.

Há no município, brasileiros manifestamente contrários ao atual regime político nacional? Há, no município, brasileiros partidários, na atual guerra, da Alemanha, da Itália e do Japão? Há, no município, brasileiros que se manifestem contrários ao rompimento de relações diplomáticas com aqueles países? Muitos? Qual a percentagem

⁸⁴ Circular remetida aos municípios Catarinenses pelo Diretor da seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, dezembro de 1942. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

⁸⁵ Circular aos municípios Catarinense, 1942, p. 3-4.

⁸⁶ Circular aos municípios Catarinense, 1942, p. 4-5

⁸⁷ Circular aos municípios Catarinense, 1942, p. 8.

aproximada? Há, no município, brasileiros que se afigurem capazes de auxiliar estrangeiros em atividades contrárias aos interesses ou à segurança nacionais?⁸⁸

Referente às atividades econômicas desenvolvidas pelos estrangeiros, o Ministério da Justiça desejava obter as seguintes informações: se havia nos municípios propriedades agrícolas (chácaras, sítios ou fazendas) pertencentes a estrangeiros. Qual o nome do proprietário e sua nacionalidade, época em que foi adquirida, sua distância da sede do município, sua extensão e seu valor de aquisição, quantidade, espécie de gêneros que produz, valor aproximado da produção anual e o número de empregados estrangeiros que trabalhavam na propriedade. Sobre a agricultura, ainda era perguntado se as propriedades agrícolas arrendadas ou pertencentes a estrangeiros estavam próximas de estradas de ferro, estradas de rodagem, aeroportos ou campos de aviação, rios navegáveis e também se estavam próximas a usinas de eletricidade e fábricas de armas.⁸⁹ Praticamente todas essas questões eram também aplicadas aos estabelecimentos industriais.

Outra preocupação do referido questionário era saber se nos municípios havia fábricas ou casas comerciais negociando armas, munições e explosivos, e se essas pertenciam a imigrantes europeus ou descendentes, e se possuíam armamentos em suas colônias ou em suas propriedades. Ainda inquiria sobre o efetivo policial do município, seu nível de organização, armamentos, se havia destacamento do exército nacional ou força militar estadual, e também estações transmissoras e receptoras de rádio amadores.⁹⁰

A partir das principais questões abordadas pelo questionário, é possível fazer algumas inferências. De maneira geral, o questionário sugere uma grande preocupação do Estado Novo com as áreas de imigração de Santa Catarina, certamente esse configurou-se em mais um diagnóstico para os órgãos da Segurança Nacional identificarem possíveis focos de indivíduos ou grupos simpatizantes dos fascismos europeus, militantes do Integralismo, se eram contrários ao governo de Getúlio Vargas e se poderiam representar um perigo “perturbando ou subvertendo a ordem”. Contudo, a preocupação do Governo não era somente com os imigrantes e seus descendentes; na medida em que o questionário era estendido para praticamente todos os municípios catarinenses, as questões também serviam para obter informações sobre ações de luso-brasileiros.

Naquilo que tange às questões políticas, ao se fazer a análise do questionário sobre a simpatia dos imigrantes e descendentes pelas doutrinas políticas dos países do Eixo e por seus feitos, observou-se, tomando como exemplo os municípios do Sul Catarinense, que somente um dos oito respondeu que não havia simpatizantes. Em relação aos integralistas, o questionário sugere que as autoridades governamentais,

⁸⁸ Circular aos municípios Catarinense, 1942, p. 9.

⁸⁹ Circular aos municípios Catarinense, 1942, p. 5-7.

⁹⁰ Circular aos municípios Catarinense, 1942, p. 9-11.

além de manifestarem uma preocupação com a fidelidade de antigos integralistas à doutrina do Sigma, preocupavam-se com as relações de imigrantes, Integralismo e os fascismos. É importante lembrar que o Integralismo teve um crescimento significativo nas regiões do estado onde estavam estabelecidos os imigrantes europeus, e, com o Golpe do Estado Novo, os partidos políticos foram colocados na ilegalidade, os integralistas perseguidos, sendo que muitos foram presos.

Mas a simpatia pela doutrina do Sigma não se dissipou, basta dizer que em 11 de maio de 1938 foi articulada uma revolta e fracassada, a fim de derrubar Getúlio Vargas (o ensaio golpista constituiu-se de um ataque ao Palácio da Guanabara e alguns alvos civis e militares resultando na prisão de dezenas de militantes. Dois meses antes, em 10 de março já havia ocorrido um ensaio de golpe na tentativa de tomar uma rádio no Rio de Janeiro).⁹¹ A tentativa golpista de maio “também envolveu integralistas do estado, sendo que de Santa Catarina constam do inquérito 70 nomes para serem processados pelo Tribunal de Segurança Nacional”.⁹² Mesmo envolvendo militantes de Santa Catarina, o putsch integralista não foi uma ação articulada em nível nacional, e sim, com destaque para ação destes militantes no Rio de Janeiro.

Outra preocupação era com a proximidade de luso-brasileiros, imigrantes e o fascismo. Essa preocupação do governo também com os luso-brasileiros confirma a assertiva de que o fascismo não foi simpático somente para os imigrantes e seus descendentes. No estado, a imprensa luso-brasileira, até 1938, exaltava de forma constante o fascismo italiano.

O questionário constitui-se em um forte indício das preocupações do Estado Novo⁹³ frente à simpatia ou uma possível conspiração arquitetada por imigrantes e seus descendentes, preocupação estendida também aos luso-brasileiros, que poderiam estar auxiliando a atividade fascista em Santa Catarina. Se, por um lado, em outros estados o principal adversário e inimigo do Estado Novo e, portanto, da Nação, era o Comunismo, em Santa Catarina eram o fascismo italiano e o Integralismo.⁹⁴

Considerações finais

Por fim, em Santa Catarina, em especial no Sul Catarinense, onde estavam organizados quatro fascio, os fascistas fizeram uma opção pelos partidos tradicionais surgidos no pós-30, e não pelo Integralismo. Mas isso não pode ser considerado uma

⁹¹ SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

⁹² FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Ed. da Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005, p. 214.

⁹³ Um levantamento das múltiplas interpretações sobre o Estado Novo pode ser encontrado em: GERTZ, René. Estado Novo: um inventário historiográfico. In: SILVA, José Luiz Werneck (Org.). *O feixe e o Prisma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 111-131.

⁹⁴ Esta preocupação se estendia também às organizações nazistas.

regra – certamente fascistas de Santa Catarina aderiram às hostes integralistas. Exemplo disto foi Arnaldo Suarez Cuneo, diretor do jornal fascista *La Tribuna*, que em 1936, aparece gerenciando o jornal integralista *Flama Verde*.⁹⁵

A ação fascista no Brasil, e em menor proporção em Santa Catarina, seja ela voltada para os imigrantes italianos e seus descendentes, ou para os luso-brasileiros (e também a imprensa nacional, estadual e local que exaltava a Nova Itália, o fascismo e Mussolini), serviu para a popularização do discurso autoritário, fato que contribuiu para a grande simpatia das pessoas tanto ao Integralismo quanto ao Estado Novo. “O esforço fascista de controlar as mentes e as almas dos italianos e seus filhos residentes no Brasil não foi, assim, coroado de êxito, mas colaborou decisivamente para o reforço da cultura política de direita no Brasil do período”.⁹⁶ Esta cultura permeou fortemente a sociedade catarinense, basta dizer que quase não se observa indícios de organizações de esquerda no estado, como, por exemplo, o PCB ou a ALN, partidos com bom grau de organização em outros estados, no período. Essa cultura política de direita, obviamente, também foi reforçada pelo Integralismo.

Sobre o autor.

João Henrique Zanelatto

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Artigo recebido em 7 de julho de 2015.

Aprovado em 28 de setembro de 2015.

⁹⁵ ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder*, *Op. cit.*

⁹⁶ BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, *Op. cit.*, p. 100.